

COLEÇÃO OUTRAS – PALAVRAS
VOLUME 2

Inventar outros
espaços, criar
subjetividades
libertárias

MARGARETH RAGO

Inventar outros
espaços, criar
subjetividades
libertárias

MARGARETH RAGO

MUITAS “TURAS”

Em visita recente à Escola da Cidade, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha lembrou aos presentes que a arquitetura é um saber solicitante. Seu discurso evocava fortemente uma fórmula feliz, encontrada há certo tempo por Bernard Tschumi para exprimir semelhante ideia por meio de um jogo de palavras. “A arquitetura”, dissera Tschumi, “não a vejo como conhecimento da forma, mas sim como forma de conhecimento”¹. Uma forma de conhecimento do mundo que, por sua natureza, exige o recurso permanente a saberes e domínios que ingenuamente podemos tratar como “extra-arquitetônicos”, mas que, na verdade, não o são. O saber solicitante a que se refere Paulo Mendes é esse espinhoso terreno em que se concentram as mais delicadas sínteses. São sínteses tênues, mas inevitáveis para o exercício de uma profissão cujo escopo é o manejo do cotidiano em si, em suas formas mais complexas, isto é, coletivas e imaginárias.

Essa ideia, por mais contemporânea que seja, representa a afirmação pura e simples de alguns fundamentos filosóficos e epistemológicos, mais do que antigos, ancestrais. Vitruvius já tratava dessas solicitações

1. Tschumi, Bernard (2008). “L’architecture n’est pas une connaissance de la forme mais une forme de connaissance”, in: Lengereau, Éric (org). *Architecture et construction des savoirs*. Paris: Recherches, 2008, p. 212.

ao lembrar seus leitores – com o dedo vertical da norma culta – que a “ciência do arquiteto é ornada de vários saberes e muitas disciplinas”². Muito embora ancorasse o argumento numa apologia da razão prática – que a alta modernidade tratou de complicar –, Vitruvius enunciou e inseriu tais disciplinas num conjunto coerente de deveres formativos e cognitivos aos quais nos mantemos ligados. Isto é, parafraseando e tencionando o romano, sabe-se que o arquiteto hoje deve buscar e construir-se em uma quase infinidade de perspectivas, prestando inclusive atenção a chamados que não têm relação evidente de utilidade com a prática projetual, mas se revelam capazes de lhe garantir a decantação de uma consciência armada, aberta e alerta, permitindo-lhe interpretar forças enigmáticas e intrigantes tanto da natureza quanto da cultura. São saberes que permitem honrar o conselho vivo de Drummond aos jovens, num momento em que o mundo parecia debruçado sobre o abismo da tecnologia embestada: “Inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar para merecerem o espetáculo novo de que estão participando”³. Como inventar esses olhos sem a franca disposição de reconhecer as limitações do estudo disciplinar ou departamentalizado?

2. Vitruvius (c. I a.C.). *Tratado de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 61.

3. Drummond de Andrade, Carlos (1944). “Prefácio para Confissões de Minas”. in: *Obra completa em um volume*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964, p. 506.

São questões desse tipo que esta iniciativa editorial procura enfrentar ou, no mínimo, tangenciar. As “outras palavras” às quais nos referimos são as múltiplas palavras que sempre tiveram espaço na Escola da Cidade, desde a sua fundação, preocupada que é essa escola com a sólida e ampla formação humanista de seus estudantes, professores e colaboradores. Noutras palavras, são também as outras “turas” de que fala Cortázar, na alta intensidade de seu fraseado dançante, no jogo tramado de seus cacós significativos:

A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas.⁴

Juntar essas pontas é uma utopia? Esperamos que “turas” e leituras multipliquem-se no tempo, nas mãos e no pensamento de nossos leitores. Por isso, trazemos a público esses livros, essas reflexões recolhidas.

José Guilherme Pereira Leite

Professor da Escola da Cidade

Coordenador do Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea

4. Cortázar, Julio (1963). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 443.



SUMÁRIO

- 11 Conceitos
- 23 História
- 51 Tempo livre em tempos pós-modernos
- 57 Territórios livres aí estão para ficar,
ou a cidade que queremos
- 66 Referências bibliográficas
- 70 Sobre a autora

AOS QUE SONHAM E ACREDITAM...

NAS CIVILIZAÇÕES SEM BARCO, OS SONHOS SE ESGOTAM; A ESPIONAGEM SUBSTITUI A AVENTURA E A POLÍCIA, OS CORSÁRIOS.

Michel Foucault

foto/página anterior: BAU / Martha Levy
X Seminário Internacional, março de 2015.

CONCEITOS

Quando refletimos sobre o tema central deste importante evento, o X Seminário Internacional “Tempo Livre na Cidade”, organizado pela Escola da Cidade, em São Paulo, entre 23 e 27 de março de 2015, duas questões destacam-se de imediato: a primeira diz respeito à inversão de sentidos na concepção do tempo livre, tal como se interpreta na Modernidade, e o ócio, como pensavam os antigos gregos e romanos. Essa inversão decorre da transformação do tempo em mercadoria, desde os inícios do capitalismo, quando também se opera a oposição entre tempo de trabalho e tempo de lazer, ou entre “tempo útil” e ociosidade.

Essas interpretações modernas nos distanciam radicalmente da Antiguidade Clássica, quando o ócio era considerado fundamental para a construção da vida bela e de subjetividades livres, tanto quanto para o exercício da política. Nesse universo, o trabalho era desvalorizado como expressão da sujeição do homem à premência da vida, à esfera biológica e ao reino da necessidade.

A segunda dessas questões refere-se à crítica que Michel Foucault endereça à representação moderna do espaço, apresentando sua noção de heterotopias, ou outros espaços, espaços diferentes, tal como desenvolve na palestra “*Des espaces autres*”, realizada a convite do

Círculo de Estudos Arquitetônicos, em Paris, no dia 14 de março de 1967, mas que só nos chega algumas décadas depois (FOUCAULT, 2014).

Em relação à noção de “tempo livre”, vale considerar sua historicidade, entendendo a maneira como os antigos percebiam o ócio, considerado necessário e fundamental para o “cuidado de si”, para a elaboração de si como indivíduo livre e para a formação do cidadão apto a participar da *polis*. Para os gregos, como se sabe, o político deveria ser um homem livre e temperante, que sabia cuidar de si e, portanto, estaria em condições de cuidar do outro e da cidade. Nesse mundo, mostra Hannah Arendt (1958,1981), o trabalho era desqualificado por remeter à esfera pré-política do privado, na qual o homem seria compelido pelas carências da vida, estando submetido ao nível biológico da luta pela sobrevivência, próprio dos escravos e dos animais, e não do cidadão. Assim, Sêneca criticava o excesso de labor, de “ocupações inúteis” e afirmava que um homem ocupado “não pode fazer nada bem”, menos ainda viver, como explica a filósofa Salma Tannus Muchail (2011: 78). Sem tempo de ócio, não seria possível transformar-se a si mesmo eticamente, produzir uma vida bela e equilibrada e praticar a liberdade, como se desejava. Sem ócio, não poderia haver criação, apenas repetição monótona do mesmo, submissão à esfera da necessidade.

Na Modernidade, porém, as exigências do

desenvolvimento capitalista pedem uma outra representação do tempo, como algo que não pode ser gasto e que deve ser aproveitado ao máximo. Diz Edward P. Thompson, no belo e erudito artigo “Tempo, disciplina e capitalismo industrial” (1998), que a mudança no imaginário do tempo levou séculos para se efetuar. Assim, entre os séculos XIII e o XVI, o tempo da natureza que regia a vida cotidiana é substituído, pouco a pouco, pelo tempo do mercado, na medida em que os comerciantes começam a ter algum tipo de controle sobre o tempo do trabalho dos artesãos, ao encomendarem a produção de mercadorias que seriam negociadas no mercado. Logo, o canto do galo ou o nascer e o por do sol deixam de anunciar o tempo das colheitas, da pesca e das festas. São substituídos pelo sino da igreja e, em seguida, pelo relógio que se localizará na praça central das cidades medievais. Com o tempo, este passa para a sala das casas dos nobres e poderosos, até chegar ao pulso de todos nós, deslocando-se finalmente para os tão indispensáveis celulares.

Nessa lógica, vida e trabalho se separam radicalmente e o tempo livre passa a ser percebido como momento potencialmente ameaçador, já que o indivíduo poderia perder-se em seus pensamentos, desviar-se do rumo correto na “oficina do diabo”, como diziam nossos avós e bisavós, para referirem-se ao tempo livre, ou ainda, ser levado por outros ventos para regiões não controláveis

COLEÇÃO OUTRAS PALAVRAS

Viver a cidade, transformar a vida urbana

ANTONIO RISÉRIO

Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias

MARGARETH RAGO

Conciliação, regressão e cidade

TALES AB'SABER

Este texto foi produzido para o X Seminário Internacional realizado pela Escola da Cidade em parceria com o SESC São Paulo em março de 2015.

autora MARGARETH RXXXXX

texto de apresentação JOSÉ GUILHERME PEREIRA LEITE

revisão FELIPE CAMPOS

projeto gráfico e diagramação TRÊS DESIGN

desenhos LÍGIA ZILBERSZTEJN

agradecimentos FERNANDA BARBARA, FRANCISCO

FANUCCI, CESAR SHUNDI IWAMIZU, LÍGIA

ZILBERSZTEJN, VANESSA ZETLER, LAURA BURZYWODA,

MARTHA LEVY, BAÚ/ESCOLA DA CIDADE.

EDITORA DA CIDADE

ANDERSON FREITAS, FABIO VALENTIM, MARINA RAGO

MOREIRA, ALEXANDRE BASSANI, RICARDO KALIL E

THAIS ALBUQUERQUE.

editoradacidade@escoladacidade.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

RAGO, Margareth.

Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias /
Margareth Rago; Coordenadores José Paulo Gouvêa, Fábio
Valentim, Anderson Freitas. – São Paulo: ECidade, 2015.
73 p.; 18 cm. – (Outras palavras; v.2).

ISBN: 978-85-64558-15-1

1. Subjetividade. 2. Heterotopia. 3. Ocupação.
4. Michel Foucault.

I. Título.

II. Série.

CDD 307.1

Catalogação elaborada por Edina R. F. Assis.

associação escola da cidade: ÁLVARO LUÍS PUNTONI,

FERNANDO VIÉGAS,

MARTA MOREIRA.

conselho escola:

CRISTIANE MUNIZ,

MAIRA RIOS.

ESCOLA DA CIDADE

Rua General Jardim, 65 - Vila Buarque

01223-011 São Paulo SP

T +55 11 3258 8108



MARGARETH RAGO

As heterotopias referem-se à possibilidade de reinventarmos e darmos novos sentidos aos espaços físicos, geográficos, políticos, afetivos ou subjetivos, que aprendemos a ver de maneira empobrecida na Modernidade, perdendo sua multiplicidade. Ao contrário das utopias, que levam a algum tempo distante no futuro, as heterotopias dizem respeito ao aqui e agora e à possibilidade de transformar o mundo exterior e interior, individual e coletivamente

editora

**escola
da cidade**